

FH e o Brasil são homenageados

MIRIAM LEITÃO
Enviada especial

NOVA YORK — O rabino Arthur Schneier pediu que todos ficassem em pé porque ia entrar no recinto o presidente do Brasil. No enorme Ballroom do New York Hilton — no jantar para comemorar os 30 anos da "Appeal of Conscience Foundation", e para a entrega do prêmio de Estadista do Ano a Fernando Henrique Cardoso — 800 pessoas obedeceram.

Na gigantesca mesa principal, no palco, aguardava de pé uma rara coleção de notáveis e líderes religiosos. Batas de muculmanos, rabinos, arcebispos da Igreja Católica, religiosos da Igreja Ortodoxa e reverendos faziam um impressionante contraste com o **black tie** da elite do mundo financeiro de Nova York: Edmond Safra, Paul Volker, David Rockefeller, o **chairman** da Goldman Sachs, do First Boston — para falar de alguns. A um canto discreto, o ex-chanceir de Israel Abba Eban.

Os músicos ao lado do palco tocaram primeiro o hino brasileiro, depois o alemão — o outro homenageado da noite era o alemão Helmut Maucher, **chairman** da Nestlé. Por fim tocaram o hino americano. Ficou claro então que, ao contrário de outros jantares de homenagem ao presidente brasileiro, desta vez os americanos eram maioria. Após os hinos, o reverendo Joseph O'Hare invocou a presença de Deus.

O tom era solene, religioso, ecumênico. Nesse ambiente, o Fernando Henrique foi homenageado, por ter lutado pela democracia e em favor dos direitos humanos e por conduzir um plano de estabilização e reforma econômica. Menos por ser chefe de Estado, mais por ser ele mesmo. Ele respondeu contando como o Brasil conquistou a democracia: lentamente e superando tragédias como a da morte do presidente Tancredo Neves. Disse que a conquista foi dos intelectuais, dos partidos políticos, dos sindicatos, da imprensa, dos estudantes, das ONGs. A segunda luta foi contra a inflação, "que estava minando a autoconfiança dos brasileiros". Em ambas as lutas, explicou, tem prevalecido a ética.

— Ele é amado pelo seu povo e respeitado pela comunidade internacional — disse o rabino Schneier.

— Ele foi professor no mundo inteiro, tem sabedoria — disse Henry Kissinger, encarregado do discurso de apresentação de Fernando Henrique, para depois prosseguir.

— Ele é diferente daqueles políticos que precisam que os técnicos lhes digam o que devem dizer ao povo.

O que poderia ser uma exaltação a uma pessoa, acabou virando o reconhecimento de um percurso feito pelo país que anos

atrás enfrentou o desprezo externo. O Brasil foi criticado primeiro por desrespeitar as regras da convivência democrática com sua série de generais-presidentes, depois por fechar o país com muros de proteção e xenofobia e, ao final, por se afundar numa desorganizadora inflação de quatro dígitos.

— Ele é presidente de um dos mais estimulantes países do mundo. O Brasil não é importante apenas para a América do Sul, é importante para a ONU, para o resto do hemisfério — disse depois Kissinger.

Aquela noite era para lembrar as qualidades do país. Mas evidentemente ninguém deixou de falar no que falta fazer:

— Reduzir o **gap** entre pobres e ricos — alertou o rabino.

A revista "BusinessWeek" na sua última edição traz uma página de entrevista com Fernando Henrique em que se pergunta o que ele pretende fazer para resolver esse problema. Ele disse que a queda da inflação é o primeiro passo; o segundo é o investimento em educação que tem sido feito. "Em um ano, isso é o que se poderia fazer: mudar o curso". Fernando Henrique conta que o que ocorreu no México não poderia ocorrer no Brasil. A diferença:

o Brasil tem liberdade de imprensa.

A visita mostrou que o Brasil passou a ser respeitado. Dos 30 encontros que teve, todos foram pedidos pelos interlocutores. Jacques Chirac aproveitou os 50 minutos de conversa para protestar

contra a retirada do francês como língua exigida no Itamaraty:

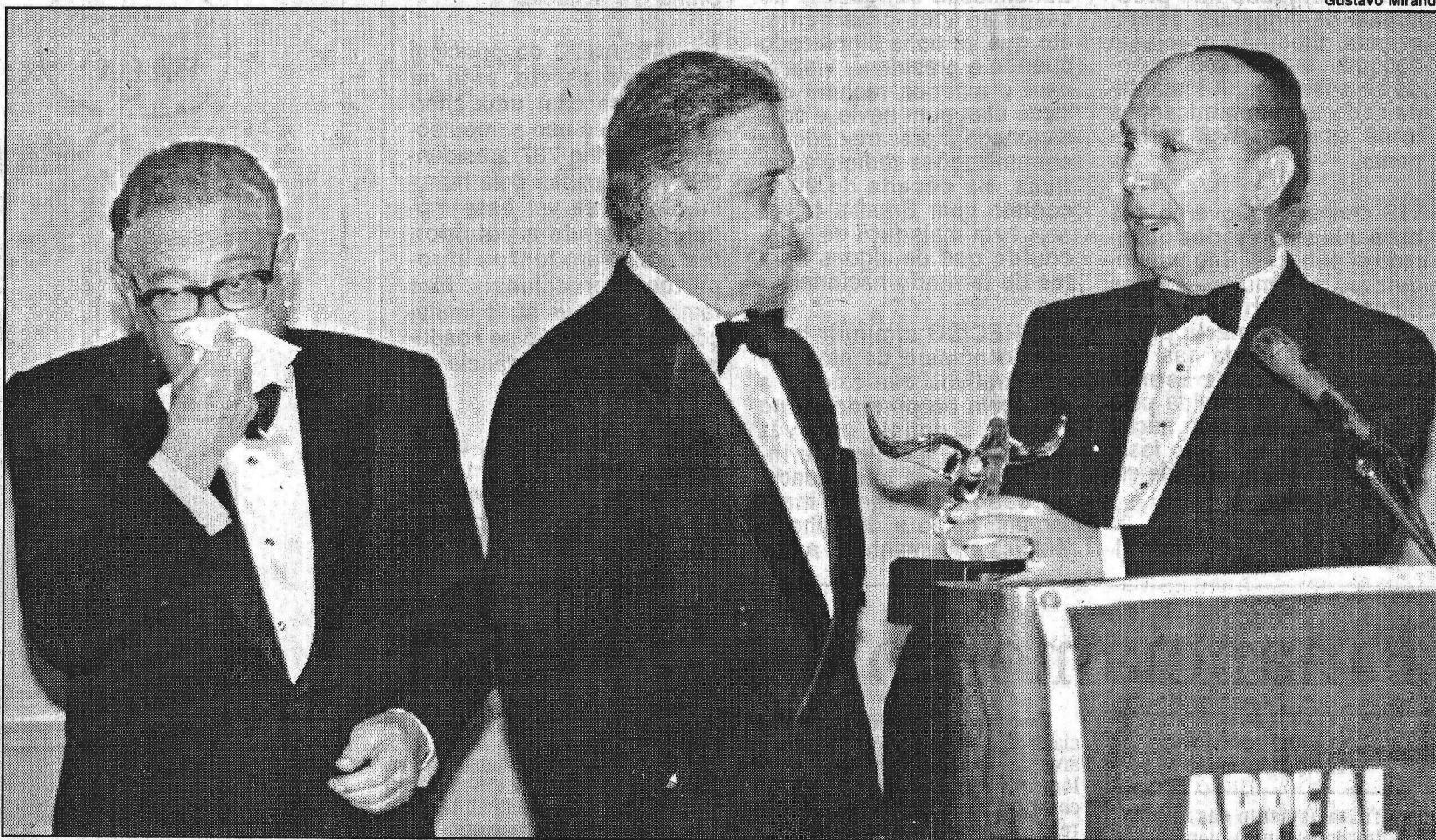
— Eu jamais faria isso, não vê que falo melhor francês que inglês? — respondeu Fernando Henrique.

Os elogios que o plano brasileiro recebeu no FMI, os comentários feitos aqui ao Brasil e ao Plano Real e a homenagem a Fernando Henrique exibem uma mudança completa em relação ao país. Se alguém imaginava estar ali para aplaudir um país que segue o figurino neo-liberal — o México da vez — ouviu logo um aviso do social-democrata Fernando Henrique:

— Não se pode aceitar o mercado como solução impessoal, à margem dos valores, como único instrumento capaz de organizar as formas de alocação de riqueza — disse ele.

Os aplausos da noite não foram para qualquer modismo. Foram para um presidente e um país que aceitam valores que são universais. O rabino Henry Sobel, de São Paulo, veio especialmente para dar a bênção final. Ele, que nos tempos mais duros do regime militar esteve ao lado dos que resistiram, pediu que Deus abençoasse o Brasil e terminou falando em inglês, português e hebraico:

— Bendito aqueles que governam na democracia, porque já sofreram a perseguição da ditadura".



O presidente Fernando Henrique Cardoso recebe das mãos do rabino Arthur Schiner o prêmio "Appeal of Conscience Foundation", em Nova York

Gustavo Miranda

“FH é diferente daqueles políticos a quem os técnicos dizem o que devem falar ao povo.”

Henry Kissinger